

## Do Outro Lado

O 4 de Espadas andava, sozinho. Perdido.

Sempre tinha estado rodeado pelos seus semelhantes. Sempre tinha andando com o 3 de Copas, o 7 de Paus e todos os outros. Com um pouco de medo dos reis. E uma grande admiração pelos valetes.

Mas tinha sido levado.

Pelo vento.

O 4 e a sua grande família estavam entre as varias mãos. Estavam abatidos na toalha que tinha sido posta fora, para aproveitar sol, e erva fresca. Mas quando chegou a vez do 4 ser abatido, a borrasca foi maior. Nenhuma mão teve tempo de reter a carta. Foi levado, transportado, foi soprado. Por cima das paredes, para atrás dum campo, rio abaixo. Foi deixado num caminho de terra, no meio das árvores, e das folhas já caídas.

O que é que podia fazer agora...? Onde é que o podia levar o caminho? Qual era a continuação possível dum 4 de Espadas longe do seu baralho?

Andou. So podia seguir o traçado que tinha a sua frente. Esperando que conduzisse a um lugar qualquer.

As árvores pareciam ser iguais, metros após metros. As folhas já levavam mais diversidade.

Mas nenhuma nova perspectiva. Só o caminho de terra. As árvores. As folhas.

Ao 725simo metro, algo brilhante chamou a atenção do 4 de Espadas. Lá, meio escondido debaixo de uma folha, estava deitado uma coisa prateada.

O 4 aproximou-se. Levantou a folha, e viu um brinco. Um brinco-sardinha.

“Olá, disse-lhe. Também foste levado até aqui pelo vento?”

“Não - respondeu o brinco - pertencia a uma orelha. Mas senti um desequilíbrio e caí. A orelha não se deu conta... Estou aqui já há algumas cores de folhas.”

“Sim? Mas porque é que não te mexeste?”

“Porque esperava ver voltar a minha orelha...”

“Sim, percebo... Mas sabes, acho que agora, já não há mais hipóteses. Não acredito que vá voltar, sobretudo se ja passaram tantas cores de folhas. Queres seguir o caminho comigo?”

“Quero. Mas para ir aonde?”

“Ainda não sei. Da para descobrir juntos, não achas?”

E foram. A carta e o brinco. A descoberta do segredo do caminho.

Progressivamente, a erva invadia mais o caminho. As árvores espaçavam-se, e ficavam mais pequeninos, mais acessíveis.

Ouviram, ao longe, o som de uma viola. A musica era alegre, cheia dum sol do sul e do cheiro das laranjas.

Aproximaram-se mais.

E vislumbraram o Luís. O avô espanhol. Que tinha fugido durante a guerra. Que não sabia ler nem escrever. Mas que sabia o canto das flores, e as cores dos pássaros. Que cozinhava com chuva e açúcar. Que sabia falar a língua dos instrumentos.

O 4 e o brinco ficaram a saborear o som da viola, um momento.

Quando Luís acabou, deixou os seus olhos vagabundar. Até caírem sobre os dois objectos admirativos.

Um sorriso nasceu sobre a boca do avô.

“Bom dia. Vocês os dois parecem um pouco perdidos...”

“O vento levou-me até ao caminho de terra, respondeu o 4. Queria voltar ao meu baralho. E o brinco gostava de reencontrar a sua orelha.

Mas gosto do teu jardim, Luís. Nunca tinha visto tanta vida concentrada num lugar tão pequenino.

Sem o vento, nunca o teria descoberto.

Se calhar o caminho escondido nem sempre é o menos verdadeiro.

Agora, gostava de segui-lo. Para ver onde é que vai dar.”

“Tenho medo, cochichou o brinco. Mas tenho a mesma curiosidade.”

“Então - continuou Luís - se calhar podia levar-vos ao meu neto. Queria dar-lhe uma malinha que fiz há pouco tempo atrás, para esconder os seus segredos. Lá dentro, vocês já constituiriam um pequeno tesouro. Esperam aqui um bocadinho, por favor ?”

Deixou-os na mesa do jardim, onde estava uma fotografia. Muito antiga. A fotografia de dois adultos e dum menino. Uma gota de chuva caiu ao lado, sem molhá-la.

Luís voltou. Tinha nas suas mãos uma mala do tamanho de quatro dedos. Do azul dos pavões, com pormenores fininhos, cor-de-luz (aquela luz que passa entre duas árvores, os dias de sol).

“Acham que podiam caber os dois la dentro?”

“Acho que sim, disse o 4.”

E os dois entraram.

Alguns movimentos depois, a mala foi aberta.

A primeira coisa apercebida pelo 4 e pelo brinco foi um olho. Um olho de menino.

Verde e vivo. Sorridente.

Depois apareceu a mão.

Que colheu o brinco. Para colocá-lo num casaco, onde faltava um botão.

O 4 não foi colocado num lugar fixo. O menino usou-o para treinar os seus truques, para completar os baralhos incompletos, para iniciar os seus sonhos de viagem.